

P R E F Á C I O

*Nasceu Antonio Carlos Carneiro Leão no Recife, no dia 25 de Outubro de 1855.*

*Sua meninice transcorrerá num ambiente saturado de anseios de liberdade, mais de uma vez defendidos de armas em punho por seu avô paterno — Francisco de Paula Carneiro Leão.*

*Centro de liberalismo político e de preocupações intelectuais, o Recife preparava-se para cenário de um dos mais significativos prélios poéticos de nossa vida mental. As lutas de 1817 contra a pressão colonial, de 1824 contra a dissolução da Constituinte, de 1848 contra a anulação, pelo Senado do Império, de uma eleição popular, cristalizaram, nos espíritos da elite pernambucana, com repercussão acentuada na massa capaz de reagir, o ideal de altivez e de liberdade que deu, ao "Leão do Norte", sua reputação de reduto das aspirações liberais. A transferência, em 1854, de Olinda para Recife da Faculdade de Direito, em cujas salas se reunia e se agitava, guiada*

pelos cultores das ciências jurídicas e da filosofia, uma juventude generosa, entusiasta e idealista, vinda dos quatro cantos do Brasil, contribuiu para impregnar os meios familiar e social daquela cidade de uma inteligência e de uma sensibilidade contagiosas.

De 1854 a 1900 vivera a capital pernambucana os anos mais expressivos de sua vida espiritual. Durante êsse escasso meio século, mais de uma vez ela empunhara o facho da liderança cultural do Brasil. Em sua Faculdade de Direito passaram, então, como professôres ou alunos, algumas das maiores figuras de nossa vida intelectual e política. Dentro dêsse período a "Escola do Recife", em poesia, em oratória, em filosofia, em ciências jurídicas e sociais, fizera época e impusera princípios e processos no domínio do pensamento e da arte, a todo o país.

As ruidosas defesas de teses, os mais acesos debates verbais, as solenidades cívicas mais empolgantes projetavam-se, dentro e fóra da Faculdade, e enchiam aquela cidade do nordeste brasileiro de uma agitação e de um fulgôr que arrebatavam a mocidade e contaminavam todos os meios sociais, aptos a sentir e a pensar.

A campanha da abolição e a propáganda da República projetaram-se por duas décadas, atraindo velhos e moços às hostes dos combatentes.

A sociedade de então, sem estímulos, sem diversões — a não serem as festas de igreja, as funções populares, as reuniões em família, o "Teatro Santa Isabel" — vivia das campanhas libertárias e das lutas acadêmicas.

Justamente quando Antonio Carlos, aos dez anos de idade, começava a dar-se intensamente aos estudos, uma batalha poética, que monopolizava a atenção do mundo estudantil, nas ruas e nos salões, o interessára de modo singular.

Os espetáculos de uma companhia dramática portugêsa, em 1865, dão oportunidade a um curioso duelo entre Castro Alves e Tobias Barreto. Os dois vates encantam-se por duas das principais artistas da companhia e, para homenageá-las, tôdas as noites, nos intervalos, recitam versos expressamente escritos para tão empolgante pugilato.

Antonio Carlos, apesar de criança, entusiasma-se e começa a ler e a recitar poesias. Nasce aí sua vocação, inspirada e alimentada depois por tudo quanto o ambiente propicia.

O espírito romântico do tempo, a vida do meio que o envolve, as leituras precoces fazem-no poeta.

Terminado o curso secundário, em 1874, prepara-se para estudar medicina, quando lhe adoece gravemente o pai, que morre logo depois. Com a convicção do dever de filho mais velho, encarrega-se dos irmãos. A exceção de Laurindo Leão, mais moço que êle apenas um ano e já estudante da Faculdade de Direito do Recife, da qual seria mais tarde grande mestre, todos os demais são sustentados e educados por Antonio Carlos. Para isso faz-se professor particular e logo depois funda um colégio. Trabalha e estuda. Estuda e escreve. Vibra pelas campanhas da Abolição e da República. Frequenta centros patrióticos. Discute com paixão. Queima-se num idealismo político e num ideal estético eminentemente sentimentais. Desinteressado até à imprevidência, nada pleitea para si. Após a vitória do regime

sonhado, embora parente de Deodoro — o proclamador da República — afasta-se, desiludido, de muita prática corrente, aceita pelos companheiros da véspera, e planeja e institui, com um pugilo de amigos, um Clube Político, para combater por um regime, cujo programa escreve e defende com decisão e com fé.

Mas a política não era o seu mundo. A par de seu entusiasmo de corifeu, de alguns discursos inflamados, da constituição por êle escrita para o "Partido Político Democrático", que ideou, nada empreendeu em tal direção. A poesia é o seu refúgio. Seu fraco, ao lado dos poetas líricos portugueses, italianos, espanhóis e ingleses, é a literatura francesa, especialmente Victor Hugo, que conhece de cór e de cuja obra se torna um apologista infatigável. Todavia, a par dêsse ardor hugoano (lírico e condoreiro), era grande seu amor pelo espírito livre da Inglaterra, e pela força criadora de seus prosadores e poetas. Entre os últimos — Shakespeare, Pope, Swinburne, Shelley e Byron, entre os primeiros — sobretudo, Macaulay, empolgaram-no deveras. Foi com êle que aprendi a amar Victor Hugo e a França e a frequentar o pensamento britânico, a estudar a história da Inglaterra, a admirar-lhe sua visão de auto-govêrno, a compreender e a sentir a obra de seus pensadores, poetas e homens de ação.

Infelizmente êle mal termina a educação dos irmãos, constituiu família e adeus estudos de medicina. Continua, entretanto, estudante de aplicação exemplar. Orienta e dirige a educação dos filhos. E não abandona o estro nem o entusiasmo o deixa. Quantas vêzes um fato histórico, um feito cívico, ou

simplesmente a beleza de uns versos ou a grandeza de um pensador, levam-no a prender-nos, a mim e aos irmãos mais moços (crianças de 10, 11, 12 e 13 anos) — madrugada a dentro — sentados em torno à mesa de jantar, sob a luz bruxoleante de um candieiro de petróleo!

Êle nasceu professor. Durante todo um ano letivo, em que moramos longe da escola, iam os juntos, tôdas as manhãs, numa caminhada de uma hora, aproveitada por êle para discorrer de maneira eloquente sôbre fatos da história universal. Foi assim que aprendi, para nunca mais esquecer, a história de Roma.

Modesto, esquivo, inimigo de aparecer, escreve poesias às suas apaixonadas, que as teve várias — pois casou-se três vêzes — e não guarda ou guarda raramente cópia de seus versos.

Daí não ser possível recolher, das poesias compostas no espaço de mais de quarenta anos, senão as poucas que aqui estão. Não representam, talvez, a quinta parte das que escreveu. E, ainda, a maioria delas foi recolhida pela filha mais moça — Sylvia Carneiro Leão — ditadas por êle — no Recife, no leito de morte, em 1919, pouco antes de expirar. Não me cabe fazer o estudo crítico das poesias aqui recolhidas. Trata-se de edição íntima, que obedece aos imperativos da saudade de seus filhos, sobretudo do amor filial de Sylvia, para a qual essa publicação é um como compromisso moral, tomado consigo mesma há mais de vinte e cinco anos. E fazêmo-la para comemorar o centenário de seu nascimento.

Nosso objetivo é explicar os motivos desta edição, vincular as poesias ao poeta, o poeta ao meio e ao tempo, para com-

"Criança, por que é que ás vezes  
 Toda a tremmer tu me falas  
 E foges entlao das salas  
 Em busca da solidão?  
 E depois a tua face  
 A respirar novo encanto  
 Vem dar-me sinais de um pranto  
 Que te afoga o coração?"

"Criança, por que é que ás vezes  
 Toda a tremmer tu me falas  
 E foges entlao das salas  
 Em busca da solidão?  
 E depois a tua face  
 A respirar novo encanto  
 Vem dar-me sinais de um pranto  
 Que te afoga o coração?"

Com que naturalidade elle traduz o sentimento intimo  
 tocante do povo.

Algumas composições suas conservam o sabôr de cânticos  
 populares, findo directamente da alma simples, sincera e  
 Com que naturalidade elle traduz o sentimento intimo

Mas suas poesias permanecem castas e suaves. Suas estro-  
 fes mais apaixonadas refletem antes o coração do que os sen-  
 tidos, seus versos filosóficos, antes o sentimento do que o racio-  
 cínio ou a sabedoria.

Mas suas poesias permanecem castas e suaves. Suas estro-  
 fes mais apaixonadas refletem antes o coração do que os sen-  
 tidos, seus versos filosóficos, antes o sentimento do que o racio-  
 cínio ou a sabedoria.

Não parece difficil sentir sua filiação  
 ao romantismo. Mas interessa assinalar que, entusiasta sem  
 limites de Victor Hugo e de Castro Alves e vivendo grande  
 parte de sua juventude em ambiente revolucionario, Antonio  
 Carlos conserva-se poeta exclusivamente lirico. Nenhum arronbo  
 hugano, nenhuma ode patriótica ou social e nem um ardor de  
 lascivia, tão natural na juventude, nem uma preocupação de  
 effeito de forma, tão commum aos artistas. Seus temas prediletos  
 são o amor e a ternura.

Não parece difficil sentir sua filiação  
 ao romantismo. Mas interessa assinalar que, entusiasta sem  
 limites de Victor Hugo e de Castro Alves e vivendo grande  
 parte de sua juventude em ambiente revolucionario, Antonio  
 Carlos conserva-se poeta exclusivamente lirico. Nenhum arronbo  
 hugano, nenhuma ode patriótica ou social e nem um ardor de  
 lascivia, tão natural na juventude, nem uma preocupação de  
 effeito de forma, tão commum aos artistas. Seus temas prediletos  
 são o amor e a ternura.

Não parece difficil sentir sua filiação  
 ao romantismo. Mas interessa assinalar que, entusiasta sem  
 limites de Victor Hugo e de Castro Alves e vivendo grande  
 parte de sua juventude em ambiente revolucionario, Antonio  
 Carlos conserva-se poeta exclusivamente lirico. Nenhum arronbo  
 hugano, nenhuma ode patriótica ou social e nem um ardor de  
 lascivia, tão natural na juventude, nem uma preocupação de  
 effeito de forma, tão commum aos artistas. Seus temas prediletos  
 são o amor e a ternura.

*Não menos singelos e tocantes são êstes versos:*

“Minha alma é como andorinha  
Que foge da cerração  
Ai! dá-lhe, dá-lhe um abrigo  
no teu virgem coração.”

“Se o pirilampo se aninha  
No calix da rubra flôr  
Por que não guardas minh'alma  
No teu seio, meu amor?”

*Ou, chorando a morte do primeiro filho:*

“Levava as mãosinhas peçadas de estrêlas  
Tão puras, tão belas, que ao vélo passar  
O sol refulgente, que os Céus aclarava  
Correndo ocultava seu rosto no mar!”

*Ou ainda nesta quadra do soneto:*

“ A D Ô R ”

Musa, musa da dôr, do sofrimento  
De amarguras no pègo em que bracejo  
Atende ó negra musa ao meu desejo  
E as asas tuas dá-me ao pensamento.

.....

Antonio Carlos, poeta que viveu seus próprios versos, nunca fez poesia pela poesia, nunca a compôs de encomenda. Escreveu sempre no intuito de expressar um estado real de seu espírito, fosse amor, fosse ternura, fosse sofrimento. A vida inteira êle a viveu sem atitudes estudadas nem planos preestabelecidos. Seu idealismo inveterado fê-lo marchar de olhos fitos nas estrêlas. O solo onde pousava era apenas o revelador de desilusões e de amarguras. Mas sua confiança no bem logo o refazia das decepções e debruçava-o de novo no sonho. Seu mundo trazia-o dentro dalma. O meio em que vivia era a moldura dentro da qual melhor se revelavam as características de sua intelligência e de sua sensibilidade.

Quantas vêzes, lendo a vida de Jean Jacques Rousseau, recordando as tertúlias noturnas de seu pai com o filho criança, lembrei-me de meu pai! Como o progenitor do autor de "Emílio", Antonio Carlos vivia e fazia viver, diante dos filhos insones, até altas horas da noite, quadros edificantes da história, páginas reveladoras do amor criador, ou a beleza imortal da poesia e do pensamento!

Horácio, Virgilio, Dante, Petrarca, Camões, Gæthe, Shakespeare, Racine, D. Quixote, Hugo, Gonçalves Dias, Castro Alves, Tobias Barreto, forneciam-lhe temas para dissertações e comentários ardorosos às deshoras da noite, em torno à mesa de jantar. Sòmente aí seu espírito se manifestava boêmio, porque no mais ninguém mais arredio de tudo quanto constituisse suspeição para exemplo dos filhos, ninguém mais obediente ao dever de chefe e condutor dos seus.



*Dentro do lar, como asilo inviolável do cidadão, êle velava pelo fogo sagrado dos romanos, voltado exclusivamente a seus ideais de pensador e de poeta e à felicidade da prole considerável.*

*Fóra do labôr para ganhar a subsistência da família e fóra do estudo e da leitura dos bons autores, só o preocupavam a saúde, o bem estar e os trabalhos escolares dos filhos. Inteligente e culto, êle não recebeu do mundo nem um décimo do que teria o direito de esperar. No entanto nunca maldisse a sorte, jamais invejou o êxito alheio nem procurou atravessar-se no caminho de outrem. A modestia, senão a timidez, foi o impedimento definitivo a seu triunfo.*

*O aparecimento hoje de suas "Poesias", para comemorar o centenário de seu nascimento, surgiu, como dissemos, de um preito dos filhos à memória do pai inesquecível. Felizmente sente-se em nossos dias — e Múcio Leão, seu sobrinho, já o acentuara com propriedade — um movimento de nossa poesia no sentido de suas fontes românticas e líricas.*

*A comemoração, há pouco, dos centenários de Gonçalves Dias e de Castro Alves, inspirando trabalhos sentidos sôbre ambos, volta as vistas da juventude para a doçura e a consolação do sentimento lírico de nossa raça. É nessa atmosfera de carinho pelo passado de nossa poesia e como consolação à nossa veneração e à nossa saudade, que publicamos a edição íntima dos seus versos.*

Rio de Janeiro, 1955.

A. CARNEIRO LEÃO  
in Carlos Leão. POESIAS. Rio de Janeiro,  
1955

## INFORME (RÁPIDO) SOBRE GUIMARÃES ROSA

**J**OÃO GUIMARÃES ROSA nasceu no dia 27 de junho de 1908 (dia de São Ladislau, rei da Hungria), em Cordisburgo, no norte de Minas Gerais. Aprendeu as primeiras letras na terra natal, onde passou a infância "brincando de geografia" e imaginando sabugos de milho transformados em bois. Ao mesmo tempo, aprendeu a linguagem dos vaqueiros, essa mesma que emprega em seus livros. Foi um dos alunos mais brilhantes do Colegio Arnaldo, em Belo Horizonte. O estudo de línguas foi uma de suas paixões e atualmente conhece muitas delas: inglês, francês, russo, grego, alemão, sueco, latim, e até japonês.

Quando fazia os preparatórios escreveu contos que foram publicados numa revista. Todos foram premiados. Matriculou-se na Faculdade de Medicina, fez o curso com distinção e foi exercer a profissão em Itaguara, lugarejo onde não havia medico. Lá permaneceu dois anos, exclusivamente dedicado à medicina. Em 1932, durante a revolução, foi medico da Força Publica. Em 1934, foi para Barbacena, como oficial medico do 9.º Batalhão de Infantaria. Nas horas vagas, estudava línguas. Estudou muito e prestou concurso no Itamarati. Segundo lugar. Em 1937, escreveu "Sagarana", que só viria a ser publicado em 1946. Aplausos da critica e um premio. Em 1938, foi nomeado consul-adjunto em Hamburgo, de onde regressou em 1942, quando o Brasil rompeu com a Alemanha. Foi secretario da nossa Embaixada em Bogotá, em 1944, e um dos delegados brasileiros à Conferencia da Paz, realizada em Paris, em 1946. Muita coisa temos a falar sobre João Guimarães Rosa. Sobre os seus dois últimos livros, não é preciso: são os mais discutidos no Brasil, neste de 1956.

*Folha da Manhã, S. Paulo, 16-9-1956*

### POESIA BRASILEIRA MODERNA

## ANTOLOGIA DA GERAÇÃO DE 45

Milton de Godoy Campos

### VII

**JOÃO CABRAL DE MELO NETO** — Nasceu no Recife, a 9 de janeiro de 1920.

Participou do Primeiro Congresso de Poesia realizado nessa cidade em 1941. Para esse conclave escreveu "Considerações sobre o poeta dormindo", que no dizer de Ferreira de Loanda é um ensaio ao mesmo tempo original e preciso, podendo servir de auto-explicação para o livro Pedro do Sono. Diplomata, J. Cabral residiu em Barcelona e Londres. Esteve afastado do Corpo Consular por algum tempo. Reintegrado em suas funções está atualmente em Sevilha. Tomou parte no I.º Congresso Internacional de Escritores — 1954. Pertence ao Conselho Consultivo da Revista Brasileira de Poesia. Incluído nas antologias organizadas por Ferreira de Loanda, Carlos B. Kopke, L. S. Downes, Tavares-Bastos, já referidos nesta secção e "Antologia de la Poesia Brasileira — Renato de Mendonça — Madrid — 1952.

**BIBLIOGRAFIA:** (As datas entre parentesis indicam o período de elaboração das obras, as seguintes a época de publicação em livro)

"Pedra do Sono" (1939-1941) — Recife — 1942. "O Engenheiro" (1942-1945) — Rio — 1945; "Os Três Mal-Amados" (1943) inedito em livro até 1945 (Poemas Reunidos). "Psicologia da Composição" (1946-1947) — Barcelona — 1947. "O Cão Sem Plumagem" (1949-1950) — Barcelona — 1950.

**POEMAS REUNIDOS** (Contendo todos os livros anteriores. Esta edição não trás indicação de editor ou data. Em "Duas Aguas" informa-se que foi impressa no Rio em 1954. "O Rio" (1953) — Premio José de Anchieta, de poesia, do IV Centenario da Cidade de São Paulo — São Paulo — 1954. "Morte e Vida Severina" — Auto de Natal Pernambuco — (1954-1955); "Paisagens com Figuras" (1954-1955 e "Uma Faca só Lâmina" (1955), só foram publicados em 1956. "Duas Aguas" — Rio — 1956 (Contem todos os livros enumerados com algumas modificações. O autor os considera em versão definitiva).

**APRECIACÃO** — É o principal representante da corrente intelectualista entre nós. Com o "Rio" e "Morte Severina", o poeta tomou novo caminho, incorporando à sua lirica as tradições do nordeste.

*Correio Paulistano, S. Paulo, 26-8-1956*